
A Seca na Pauta do Jornal Nacional: Aspectos Históricos e Discursivos no Telejornalismo Brasileiro¹

Andréa Cristiana SANTOS²
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo analisou o discurso telejornalístico sobre o período de estiagem prolongada que atingiu estados da região do semiárido. Foi delimitado um *corpus* analítico, composto por matérias veiculadas pelo Jornal Nacional, nos meses de abril a junho, de 2012, e uma reportagem do Fantástico, publicada em 1983. Verifica-se que o discurso telejornalístico é composto por variadas vozes que criam significados sobre a região, a cultura e um povo, oferecendo abordagens analíticas para se pensar o produto de massa. Identificou-se que esse agendamento da seca ocupou o meio televisivo que, gradativamente, aprofundou o ângulo de abordagem, visando trazer maior diversidade temática, de fonte e de vozes, em uma perspectiva dialógica com os diversos atores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: História do Jornalismo; Seca; Discurso Jornalístico; Telejornalismo.

A paisagem formada por vegetação de pequeno porte, desfolhada, galhos secos, retorcidos; barragens com pouca ou quase nenhuma água; animais mortos ao longo das estradas; sofrimento de mulheres, homens e crianças necessitando de água para beber, alimentar-se, cozinhar e ainda garantir a sobrevivência dos animais. Essas imagens ocuparam por décadas o espaço do telejornalismo nacional, compondo parte do imaginário de uma região, conhecida como semiárido brasileiro, atingida por período de estiagem prolongada provocado pelo baixo volume pluviométrico ou baixa oferta de água.

Esse conjunto de imagens foi se construindo a partir de contextos históricos delimitados, e se disseminaram pelos dispositivos sociotécnicos, seja a literatura, o cinema e o telejornalismo. As imagens se incorporaram a um conjunto de dispositivos textuais, constituindo-se como um discurso social a respeito da seca, que ganhou visibilidade midiática pelo impacto social que atinge parcela considerável da população

¹ Trabalho apresentado no GPT História do Jornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Cultura e Professora do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campos Juazeiro-BA, e-mail: andcsantos@uneb.br.

brasileira. É considerado historicamente como um problema social, produzido um discurso social e ocupando a agenda pública no jornalismo impresso e de televisão.

Como o jornalismo é compreendido como um campo de conhecimento assentado no singular, como afirma Genro Filho (1989), o fenômeno da seca desperta a atenção dos produtores da notícia. Assim, este artigo analisou o agendamento sobre a seca no Jornal Nacional, um dos mais tradicionais telejornais do país, produzido e transmitido pela Rede Globo. Com cerca de 45 minutos de duração, o programa faz a cobertura das principais notícias e atua como um serviço de notícias integrado em rede³. Ao longo dos anos, assuntos de ordem política, econômica, cultural foram abordados pelo telejornal, contribuindo para a formação, difusão de identidade e de sentimentos nacionais como defende Jesus Martín-Barbero (2001).

A construção de significados de mundo se forma e se conforma pelo conjunto de códigos visuais tecidos e organizados pelas gramáticas tecnoperceptivas do rádio, do cinema e da televisão (BARBERO, 2001). É possível, inclusive, problematizar que lugar de mediação é esse exercido pelo telejornal, ao oferecer visibilidade nacionalmente às questões sociais.

O telejornal se tornou uma forma de comunicação relevante no contexto da sociedade brasileira, com a utilização sistemática de seu potencial imagético para a divulgação de notícia. Entende-se que a televisão une os cidadãos de forma a explicar o mundo em uma sociedade cada vez mais fragmentada pelos processos de massificação. Ciente da importância do telejornal, esse artigo traz a problemática de pesquisa de que a seca não é um acontecimento eventual abordado pelo telejornalismo, mas se refere a um enquadramento sobre uma região, uma população, uma determinada cultura. Esses enquadramentos se estruturam em uma prática social discursiva, cuja trama é construída por diversos agentes – o Estado, as organizações da sociedade civil, a comunidade jornalística e os leitores/telespectadores como receptores ativos. Sendo assim, espera-se que o artigo possa trazer contribuições para produzir uma análise sociohistórica a respeito da temática da seca pelas instituições jornalísticas, particularmente o telejornalismo, em uma perspectiva local e nacional.

³Informações no site Memória Globo: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/>.

Para esta análise, foi constituído um *corpus* de sete matérias veiculadas no Jornal Nacional⁴, no período de abril a junho, de 2012. Também foi incorporada nesse *corpus* a reportagem produzida pelo Fantástico⁵, em 1983. Selecionamos este material porque há referências no discurso telejornalístico a respeito da seca ocorrida na década de 1980, e pela imagem ainda presente no imaginário social de flagelados que migravam para as cidades urbanas.

Portanto, mesmo reconhecendo que a televisão passou por modificações de linguagem, formatos e gêneros, analisar a cobertura telejornalística pode situar o leitor nas transformações da construção do acontecimento jornalístico, bem como de elementos de permanência. Na análise desse *corpus*, utilizamos o recorte metodológico baseado nos estudos da semiologia de Norman Fairclough (2001), e estudos culturais de Martín-Barbeiro (2008). Foi feita uma análise quantitativa do material audiovisual, após análise qualitativa e, por fim, a interpretação.

Compreendendo a Construção Social a respeito da Região Nordeste

A representação da seca nos meios de comunicação de massa é uma prática social discursiva, cujas tramas têm relação com o desenho geográfico e cultural que se deseja construir da nação. O historiador Albuquerque Junior (2001) problematizou os discursos fundadores que conformaram a região Nordeste, conhecida pela riqueza de sua cultura e pelos períodos de estiagem e seca.

Para o autor, as raízes desse discurso são encontradas na oposição Estados do Norte - como um território associado ao exótico, ao atraso sócio-econômico, às calamidades públicas provocadas pelos períodos de estiagem - aos Estados do Sul, caracterizados pela pujança da modernidade econômica e cultural. Dessa forma, criou-se uma tradição de tomar o espaço como ponto de referência, de assimilar os seus costumes como nacionais e os das outras áreas como regionais (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 42).

Diante das diferenças dos espaços geográficos e para facilitar a distribuição de recursos econômicos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) delimitou o território nacional, na década de 1940, em cinco macro-regiões: Norte; Nordeste (Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte); Leste (Espírito Santo,

⁴ A coleta de dados foi realizada no site da Globo e *Youtube*, pela facilidade de baixar os arquivos sonoros.

⁵ A reportagem foi coletada na plataforma *Youtube*.

Bahia e Sergipe); Sul (Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); Centro (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) (MARTINS, 2006, p. 172). A região Nordeste incorporou os estados do Maranhão e Piauí, na década de 1950; já a Bahia e Sergipe, em 1969.

Contudo, o termo Nordeste apareceu, pela primeira vez, em 1919, para designar parte do Norte sujeita às estiagens e área de atuação da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS). Na década de 1920, intelectuais como Gilberto Freire e José Lins do Rego realizaram congressos para reivindicar a denominação Nordeste como representação de uma cultura, tradição e lutas históricas para se alcançar o desenvolvimento da região. Albuquerque Júnior (2001) argumenta que o Nordeste, como região, se configurou a partir do combate à seca; a luta contra o messianismo e o cangaço; e pelos conchavos das elites políticas para a manutenção de privilégios em nome de um desenvolvimento para o território.

Com o discurso de combate à estiagem, institucionalizou-se o termo “indústria da seca”, caracterizada pela quantidade de recursos financeiros para serem aplicados em benefício da população, e fomentou a criação de instâncias governamentais para que os problemas sociais da região fossem sanados, como bancos públicos e órgãos governamentais.

Nos últimos 25 anos, movimentos populares reivindicam que o Nordeste não se apresenta com uma uniformidade discursiva, nem a partir do dilaceramento entre homem e natureza. A partir de uma prática social, junto com as comunidades rurais, e fazendo a crítica às políticas públicas compensatórias, organizações não-governamentais incentivam um outro discurso político para a região: o da convivência com o semiárido. O discurso da convivência está assentado no processo de “desconstrução dos significados de estereotípias e negatividade, solidificados sobre essa natureza, território, sociedade, cultura” (DOURADO, 2011, 69). A partir deste projeto, os sujeitos coletivos criam novas representações a respeito das práticas sociais e culturais assentadas em laços coletivos, comunitários e regionais no território, e reivindicam novos significados para as “gentes do semiárido”.

Trata-se de abordar uma região tendo como característica a relação com o meio. Porém, reivindicam-se tecnologias sociais que possam dar ao homem rural condições de vencer as adversidades climáticas, gerar renda, modificar a realidade por meio de práticas de educação contextualizada para o território do semiárido.

Atualmente, o termo semiárido é definido como território geográfico em estados que apresentem as seguintes características: precipitação média anual inferior a 800 mm, índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico relacionado às precipitações e a evapotranspiração, e risco de seca maior que 60%, tendo como referência o período de 1970 a 1990. Os meios de comunicação ainda utilizam com parcimônia esse termo, frequentemente é comum a denominação de Nordeste para caracterizar toda área que sofre com a seca.

Contudo, oficialmente, segundo Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Nacional do Semiárido, com dados do IBGE, o território é composto por 1.135 municípios, localizados nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, além do Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais, e parte da região Norte do Espírito Santo. O Nordeste apresenta 56,46% do seu território na porção semiárida, e o Sudeste 11,09%. Relacionado à dimensão de todo o país, a região semiárida se localiza em apenas 11, 53% do território. Se formos relacionar esses números, podemos questionar o que justificaria a visibilidade dada à região e aos investimentos públicos, mesmo que compensatórios e sem resolver problemas cruciais como a falta de acesso à água, com qualidade e bem-estar?

Um dos motivos é a concentração populacional sem acesso a um bem imprescindível à vida, como a água, mas também é um público consumidor. Segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), a população residente no semiárido é de 22.598.318 habitantes. Estas pessoas enfrentam problemas como a falta de rede de infraestrutura hídrica como água encanada, pois apenas 35% dos domicílios rurais têm acesso à água encanada na zona rural, e o acesso aumentou apenas 6,9% entre 2000 e 2010, segundo o IBGE. Em contraposição, segundo a Fundação Getúlio Vargas, a renda no Nordeste cresceu 42% entre 2001 e 2009, e os moradores adquiriram bens de consumo como geladeiras, antenas parabólicas e televisão.

Recursos federais são disponibilizados em ações emergenciais como contratação de carros pipas, bolsas estiagem, sem que o problema da seca seja resolvido. Isso cria a demanda por políticas públicas eficientes e desperta o espírito de investigação da comunidade jornalística em reportar a realidade do sertanejo, seja pelo viés do drama humano e do interesse público.

Diante da configuração histórica que relaciona à seca a uma região, a temática, portanto, não é apenas um evento, ela está inserida em uma trama, tecida por disputas

políticas, econômicas e sociais que podem evidenciar aspectos culturais da identidade nacional. Está em jogo entender como os diversos atores sociais localizados em uma determinada região se fazem representar e são representados pelos *media*.

A seca como Acontecimento Jornalístico

O acontecimento jornalístico é um fenômeno determinado histórico e culturalmente, podendo ser uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que advém de processos de seleção (ALSINA, 2009). Os acontecimentos produzidos pela mídia podem aproximar as pessoas da realidade de forma especial, para além do que a própria realidade que se pode perceber. Podem transmitir o imaginário coletivo, as emoções e também ser o local de “projeções sociais e dos conflitos que ainda não eclodiram” (ALSINA, 2009, p. 131). Dessa forma, para o autor, os meios de comunicação colaboram para construir identidades culturais ao despertar o leitor/telespectador para os aspectos cognitivos e emotivos relacionados ao ecossistema midiático e aos dispositivos linguísticos, televisuais.

Deve-se considerar que o acontecimento jornalístico obedece aos parâmetros de variação do ecossistema, tendo como base principal a ruptura com a norma relacionado a um tempo determinado, espaço, a natureza espetacular, extraordinária, improvável, entre outro; a comunicabilidade do fato (a condição de serem passíveis de se tornarem notícia; e a possibilidade de acionar diversas vozes); e a implicação dos sujeitos (o ato de comunicar deve atingir um público, um destinatário) (ALSINA, 2009).

A partir das contribuições de Miquel Alsina (2009) e Vizeu (2005), pode-se considerar que o valor-notícia “seca” atende aos critérios de noticiabilidade considerados relevantes pelos meios de comunicação. A estiagem prolongada é um fenômeno climático cíclico que rompe a normalidade do cotidiano, as pessoas têm dificuldade de ter acesso à água; animais morrem, a produção de alimentos diminui; as pessoas dependem de abastecimento externo.

Essa situação sensibiliza produtores de notícias que procuram coletar informações, investigar o cotidiano das pessoas, entender as dificuldades e produzem pautas, que serão cumpridas por repórteres. No trabalho de campo, a realidade se apresenta em dados estatísticos, imagens de mulheres, homens e crianças necessitando de água; carros-pipas abastecendo cidades, e campos sem produção. Utilizando-se do

conhecimento sobre o campo jornalístico, o acontecimento é comunicado por meio dos gêneros telejornalísticos (a notícia e/ou a reportagem) no discurso telejornalístico.

Por discurso, compartilha-se da análise crítica, pois compreendemos o telejornal como uma prática social, histórica e disponível à crítica dos receptores ativos da mensagem. Refere-se a uma prática não apenas “de representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCOULHG, 2001, p 91). Assim, o discurso colabora para construir as relações sociais, sistema de conhecimento e de crenças.

O resultado pode ser a identificação com o telespectador que se reconhece, interage e constrói significados a partir da diversidade de vozes e de processos de intertextualidade. Nesse processo, o discurso telejornalístico é uma trama de mensagens/vozes/imagens que pode emocionar, esclarecer, despertar, sensibilizar, questionar o outro que assiste ao telejornal.

Nesse processo de transformar um fato em um acontecimento, o tema seca ganha noticiabilidade por ter um número grande de pessoas envolvidas; provocar impacto e desdobramento sobre a nação, envolver conflito. A dimensão do drama humano faz com que o tema passe a ocupar a pauta do programa telejornalístico como o Jornal Nacional. No *corpus* desse trabalho, verificou-se que houve, inclusive, uma consonância temática por semanas seguintes, sendo que, cada matéria, complementava e aprofundava informações anteriores. Infere-se que a cobertura do tema foi ganhando enquadramentos distintos, como se o chefe de reportagem, os produtores, repórteres e editores percebessem as lacunas existentes e, gradativamente, procurassem construir uma pauta mais plural sobre o tema, como veremos na análise a seguir.

A Análise do Discurso Telejornalístico

Ao definir o recorte da pesquisa, verificou-se que, no mês de abril de 2012, variados meios de comunicação traziam o tema da seca no seu noticiário, como sendo a pior dos últimos 30 anos. Diante desse viés analítico, procurou-se investigar se, na internet, havia algum arquivo telejornalístico com a temática que pudesse trazer novos elementos ou confirmasse a denominação dada ao fenômeno social. Foi encontrada a reportagem Viúvas da Seca⁶, de João Batista Olivi, veiculada no Fantástico, no ano de

⁶A reportagem de João Batista Olivi foi encontrada na plataforma *Youtube*, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=tp0G48qaSBI>.

1983. Mesmo o programa tendo o formato de uma revista eletrônica, o gênero televisivo apresentava semelhança com o Jornal Nacional.

A reportagem narra a história de vida de mulheres abandonadas pelos maridos, que saíram em busca de trabalho em outras regiões. Muitas delas passavam fome, precisavam alimentar os filhos e se colocavam como trabalhadoras nas frentes de alistamento para o trabalho, especificamente na construção de açudes. Na abertura da reportagem, o Fantástico documentou a vida dessas mulheres – cuja representação imagética foi de corpos femininos esqueléticos -, como vítimas do flagelo da seca. Mães que enterram crianças, filhos com desnutrição e famílias sem segurança alimentar.

O programa traz hibridização de gêneros entre a informação e o drama, assinalado pela trilha sonora, o áudio sendo coberto por imagens de crianças brincando de ciranda; planos em *close*, mulheres com seus rostos sofridos, crianças e adultos chorando. Assim, o discurso telejornalístico utilizou de estratégias de dramatização para fixar o tema e provocar a comoção do telespectador.

Sendo assim mesmo distante do espaço temporal em que foi produzido no ano de 1983, o discurso telejornalístico retém a atenção, emociona e suscita a crítica. O depoimento da senhora de 73 anos ao repórter que pergunta se ela se tem condições de trabalhar nas frentes de alistamento, sob o sol, exigindo vigor físico, denuncia a obviedade da resposta seca, direta: “Não”. Porém, a idosa está em busca de trabalho, abandonada a própria sorte.

Dessa forma, as vozes do telejornal marcadas por uma ambiguidade informativa, diversas fontes, fluxo das imagens e dos sons acabam por “semear confusão ali mesmo onde, sob a rubrica da informação, deveria haver ordem, coerência”, como afirma Arlindo Machado (2003). Outro texto se evidencia na trama discursiva como a ausência do Estado que não provém o cidadão da proteção à vida, ao resguardo da velhice, ao alimento. Como diz Fairclough (2001, p.114), a intertextualidade está presente na capacidade que o texto tem de conter fragmentos, assimilar, contradizer, mobilizar, ecoar ironicamente outros elementos textuais que ajudarão na interpretação do receptor ativo.

Além desses aspectos, a reportagem traz uma contribuição importante para o estudo se compararmos as mudanças atuais no discurso telejornalístico, como a captação de imagens, enquadramento da câmara, as interações das fontes e o contexto social e econômico que se modificou. Porém, tal como em 1983, as marcas do discurso

associadas à resignação do povo nordestino se repetem como uma marca constitutiva do acontecimento jornalístico seca.

Na reportagem “Mais de 500 municípios sofrem com seca no Nordeste”, produzida pela equipe do JN no Ar, e veiculada em 24 de abril de 2012⁷, a equipe abordou os efeitos da estiagem no Nordeste, com recorte para as cidades de Casa Nova e Irecê, na Bahia, estado com o maior número de municípios do semiárido atingidos pela seca. O JN no Ar foi um quadro produzido pela equipe do Jornal Nacional, em 2010, que estreou com a cobertura das eleições. Uma equipe se deslocava com transporte aéreo para os locais onde ocorrem acontecimentos considerados de relevância nacional. A equipe representava o “olhar” onipresente do programa telejornalístico diretamente no cotidiano da vida das pessoas.

A vinheta com o “jato” reproduz a ideia de deslocamento: do estúdio para os locais dos acontecimentos, simulando uma imediatividade. Não é à-toa que dentro do próprio avião estava disponível a ilha de edição para enviar o material com rapidez para todo o país. Geralmente, a equipe ficava apenas 24 horas no local dos acontecimentos, tempo presumido para a produção da reportagem. Contudo, pelas rotinas de produção do telejornalismo, sabemos que é necessário haver a produção da pauta, sendo feita com auxílio de afiliadas da Rede Globo. Em Petrolina, a afiliada da Rede Globo é a TV Grande Rio.

Na matéria, a repórter reproduz um cenário de um visitante que se desloca para conhecer a triste realidade da seca no sertão baiano. A abertura da matéria foi produzida com o deslocamento da equipe da cidade de Petrolina-PE, onde se localiza o aeroporto Nilo Coelho, para atravessar, de carro, o sertão baiano. A repórter procurou despertar o telespectador para o cenário de contraste: há água em abundância no caminho para retratar a seca. A referência aos meios de transporte como o avião, o carro, denuncia que as marcas enunciadoras do discurso configuram o estilo que a matéria vai assumir: o do viajante, descompromissado, que vai em busca do outro.

Ao longo da matéria, a repórter se surpreendeu com o cenário do homem que carregava água na bicicleta, o carro pipa que distribuiu água no povoado, a adolescente com o carro de mão em busca de água. Tudo parece inimaginável para o repórter. Como

⁷Matéria disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/04/mais-de-500-municipios-sofrem-com-seca-no-nordeste.html>.

o texto jornalístico deve ser comunicado ao leitor, convocar o telespectador, se possível em uma perspectiva dialógica, a repórter recortou o real pelo viés do conflito. O texto em *off* da repórter reduz a realidade de seca a uma disputa em busca da água. Um morador diz: “Não é todo dia que tem, tem dia que é obrigado a comprar”. Sem intermediação do repórter, que não questiona porque a água não é distribuída com regularidade pelo poder público, a câmara localiza uma outra fonte que afirma: “De vez em quando tem briga, discussão”.

Verifica-se que as vozes presentes no texto telejornalístico evidenciam algo fora do aceitável e o telejornal procurou se colocar como um mediador no sentido de trazer as causas do problema. A repórter informou que o açude construído para prover as famílias há 22 anos não tem água. Na metáfora usada pela repórter, “dias de seca/tempo de escassez”. O resultado foi a perda na produção agrícola. A fonte vinculada a uma instituição de fomento agrícola atestava que a tendência, nos meses seguintes, seria de agravamento da situação de escassez de água, conseqüentemente de alimentos.

Como a voz do Estado ou das pessoas responsáveis por políticas públicas eficientes estavam ausentes do discurso, restou a repórter mostrar ao telespectador que outra realidade seria possível. Em algumas áreas do município, as plantações de uva irrigadas e as vinícolas produzem 22 mil toneladas de uva. Nas palavras da repórter, um contraste impressionante: de um lado está a seca; do outro, a irrigação. Na matéria não se questiona porque a irrigação não atinge todo município ou de quem é a responsabilidade. Essa voz ficou ausente do discurso.

O enunciado jornalístico procura naturalizar a seca como parte do cotidiano, uma realidade quase imutável. “Tá faltando água há uns três anos. A barragem secou, acabou a água”, diz a moradora Dona Maria. A família enfrenta a diversidade do clima, perfurando manualmente poços artesianos, cacimbas, de onde retira água para alimentar os bichos, cozinhar e beber.

O problema de natureza social se reduz à ação de indivíduos isolados no sertão baiano, descobertos pelo “repórter-turista” que visita a região. Para concluir a reportagem, a edição reforça o discurso de apelo à religiosidade para suportar o sofrimento: “A vida da gente é muito sofrida aqui. Que Deus mande chuva para melhorar as coisas pra gente”, conta o homem.

Tal como em outras matérias o apelo ao divino parece inocentar os poderes públicos das responsabilidades com a população. No encerramento da matéria, a

imagem é cortada para a repórter no aeroporto que transmite a nota do Governo do Estado da Bahia, informando que foram solicitadas verbas para construir adutoras, mas ainda não há recursos. O enunciado jornalístico se resumiu às informações fragmentadas. O repórter-viajante, que conheceu as mazelas do sertão, retornava para sua feliz residência.

Nas matérias, nota-se que a equipe de redação parece ter consciência da importância de mapear o estado da seca nos estados. No dia 12 de maio, é veiculada a matéria “Sertanejos se unem contra a pior seca do Nordeste em 30 anos”⁸, com depoimentos de famílias sergipanas. Agora, a ênfase foi dada as redes de solidariedade para enfrentar, como diz a repórter, “os sacrifícios impostos pela seca”. A cisterna, uma tecnologia social para armazenar água e garantir o acesso permanente, é demonstrada.

A voz ouvida no telejornal é a do entrevistado que evoca o espírito comunitário para construir cisternas, quando existem programas sociais destinados a esse tipo de ação. O telejornal se omitiu a investigar a ação governamental e concluiu o enunciado jornalístico com a sonora de uma fonte: “Nós ajudamos uns aos outros porque em parceria tudo sai sempre melhor. Se depender de um só, fica mais difícil lutar. Dois ou três juntos resolvem o problema melhor”.

A mudança de tratamento do tema só ocorreu no final do mês de maio. A edição do Jornal Nacional de 24 de maio trouxe a chamada para um “trabalho coletivo de reportagem” feito pelos repórteres Michelle Rincon, Beatriz Castro e Amorim Neto⁹. Com tempo de seis minutos, a matéria apresentou depoimentos de moradores, fontes institucionais (poder público municipal), infográficos com informação técnica sobre qualidade da água nos açudes em Cedros, na divisa dos estados de Pernambuco e Ceará; dados econômicos da perda de produção da bacia leiteira em Pernambuco, e de produção de castanha de caju no Rio Grande do Norte.

A coleta de dados apresentou os impactos da seca não apenas no semiárido rural, mas nas comunidades urbanas. Dessa forma, a questão temática foi contextualizada a partir do ângulo da singularidade da notícia – o relato da senhora que não tem acesso à

⁸Conferir reportagem “Sertanejos se unem na pior seca do Nordeste em 30 anos”, veiculada na edição de 12 de maio de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/sertanejos-se-unem-na-luta-contr-pior-seca-do-nordeste-em-30-anos.html>.

⁹Ver reportagem “Região Nordeste sofre com maior estiagem dos últimos 40 anos”. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/regiao-nordeste-sofre-com-maior-estiagem-dos-ultimos-40-ano.html>.

água de qualidade – à contaminação da água nos açudes causada por algas que liberam substâncias tóxicas e ameaçam à saúde, demonstrada com recursos de infográficos.

Depois, a angulação da matéria ampliou o seu foco do singular para o particular, como defende Adelmo Genro Filho (1989). Na matéria, o particular (contexto) se refere à diversidade das perdas econômicas: do gado à produção da castanha. Assim, a região é representada com a imagem de progresso econômico, que, por ora, sofre os impactos da insuficiente precipitação de chuvas. Para concluir, foi retomado o fio condutor que parece nortear as narrativas telejornalísticas assentadas na emoção e na força do sertanejo.

Identificamos o quanto o discurso telejornalístico usa de esquemas de interpretação para mostrar a seca, seguindo na maioria das vezes de ângulos pré-determinados, enquadramentos e tipificações, nas quais o caráter de novidade reitera representações sobre uma região. Contudo, apesar da permanência de elementos, há perspectivas no contexto de um novo discurso mais coerente com as novas formas de sociabilidade no território.

Na reportagem *Tecnologias ajudam agricultores durante a seca no Nordeste*¹⁰, identificamos a emergência discursiva dos movimentos sociais que reivindicam uma visibilidade para a região semiárida a partir das políticas públicas - defendidas por movimentos sociais - favoráveis à convivência com o semiárido. Isto se torna evidente pela disseminação das tecnologias que procuram fixar o homem no campo e criam condições de sobrevivência com dignidade e respeito no território semiárido.

Com recursos de infográficos, algumas tecnologias como cultivo agrícola orgânica, canteiros econômicos que aproveitam de forma racional a água, barragem subterrâneas e plantas forrageiras para alimentação dos animais foram apresentadas ao telespectador, cujo enunciado jornalístico produzido pelo texto em *off* do repórter evidenciou as potencialidades de vencer a seca com a tecnologia.

No final da matéria, o depoimento do lavrador Luiz parece confirmar o acesso fácil às tecnologias e antecipar uma nova forma de gerir os recursos naturais: “vivo no céu, graças a Deus. Vivo bem tranquilo. Depois dessas tecnologias, não existiu mais seca para mim”.

¹⁰Ver reportagem “Tecnologias ajudam agricultores durante seca no Nordeste”, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/tecnologias-ajudam-agricultores-durante-seca-no-nordeste.html>.

Considerações Finais

Após a análise interpretativa das matérias, identifica-se que o acontecimento jornalístico ganhou visibilidade a partir da influência de diversos atores sociais. No início fragmentado, o discurso do telejornal ganhou complexidade para abordar o recorte do real. Essa mudança pode ter ocorrido a partir da percepção da própria equipe jornalística das lacunas deixadas pelas matérias no decorrer da divulgação.

Padrões técnicos de qualidade no jornalismo começaram a operar para que o acontecimento ganhasse uma angulação do tema mais diversificada, seja no uso de recursos visuais, na estética das imagens, nos depoimentos com as fontes, retratadas na sua complexidade e nos seus jogos de interesse econômicos, sociais e políticos. A seca deixou de ser um tema restrito às comunidades rurais para ser um problema do semiárido urbano.

Embora o discurso do telejornal ainda utilize de significados históricos associados ao sertanejo como um homem resignado, que apela para o divino, constata-se que, progressivamente, a imagem da população é representada por pessoas que produzem e lutam para viver. As fontes não são meros consumidores de informação, algumas delas evidenciam atos de fala e marcas de enunciação com autonomia. É possível antever que algo está em processo de mudança e transformação no território semiárido, a partir do uso de tecnologias sociais.

Essa visibilidade, contudo, passa pela construção de uma prática social discursiva que não resume o território a uma terra do atraso, mas como um lugar de produção, seja por meio da irrigação, do armazenamento de águas nas cisternas - água purificada, saudável – e de tecnologias sociais que garantam qualidade de vida para agricultores de áreas rurais.

Algumas dessas mudanças já estão ocorrendo. Na edição do dia 2 de julho, de 2012, o Jornal Nacional, pela primeira vez, denominou a região que sofre com a estiagem prolongada como semiárido, e não apenas Nordeste, e abordou tecnologias sociais com o custo de dessalinizadores de água. Esse talvez seja um marco que assinala que o tema seca deve ser abordado pelo ângulo da informação qualificada, da diversidade e com viés crítico, e não de uma consonância temática associada à estereotipia do atraso e do subdesenvolvimento.

Referências

- ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. Recife: FNJ. Ed. Massangana: São Paulo: Cortez, 2001.
- ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petropolis, RJ. Vozes. 2009.
- BRASIL, A. **Telejornalismo imaginário**: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de tv. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
- DOURADO, Luzineide. **Um sentido de pertencimento ao território semiárido brasileiro**: a ressignificação da territorialidade sertaneja pela convivência. In: *Revista de Geografia (UFPE)* V. 28, No. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228949/23359>>. Acesso em 2 dez. 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília, UNB, 2001.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre. Ortiz. 1989.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3ª Ed. São Paulo: Senac, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus.; REY, G. **Os Exercícios do Ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo, SENAC São Paulo, 2001.
- MARTINS, Josemar. **Tecendo a Rede: Notícias Críticas do Trabalho de Descolonização Curricular no Semi-Árido Brasileiro e outras excedências**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade federal da Bahia, 2006.
- PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. V. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis. Insular, 2004.